
A LENDA URBANA: UM GÊNERO NARRATIVO DE GRANDE MOBILIDADE CULTURAL

Sylvie Dion¹

Resumo

A lenda urbana ou contemporânea, assim como a lenda tradicional, é uma história oral exemplar. É uma narrativa popular anônima, transmitida principalmente de forma oral e que possui uma mensagem implícita e uma moral escondida com a qual nos aderimos. Nesse artigo, apresento a lenda urbana enquanto gênero narrativo contemporâneo a partir dos estudos dos pesquisadores franceses Jean Bruno Renard e Véronique Champion-Vincent.

Palavras-Chave: Lenda tradicional, lenda urbana, literatura oral

Résumé:

La légende urbaine ou contemporaine, tout comme la légende traditionnelle, est une histoire orale exemplaire. C'est un récit populaire anonyme, transmis principalement oralement, qui possède un message implicite et une morale cachée à la quelle nous adhérons. Dans cet article, nous présenterons la légende urbaine en tant que genre narratif contemporain à partir des études des chercheurs français Jean Bruno Renard et Véronique Champion-Vincent.

Mots clés: légende traditionnelle. légende urbaine, littérature orale

As lendas urbanas são narrativas coletivas carregadas de efeitos de verdade e de apelo à autoridade que fazem parte do conhecimento popular e da cultura informal. Quem não recebeu de um amigo ou de um conhecido um alerta por e-mail, um aviso seguido de uma história um pouco sórdida para nos por em alerta contra os inúmeros perigos da vida moderna: nosso shampoo é cancerígeno? O consumo de aspartame provoca doenças neurológicas? Nosso celular pode explodir no posto de gasolina? Uma simples latinha de cerveja ou

¹ Ph.D. em Literatura Comparada pela Universidade de Montreal e mestre em Ethnologia pela Universidade Laval, Quebec, Canadá. Professora associada do Instituto de Letras e Artes e do Programa de Pós-Graduação, mestrado em História da Literatura da Fundação Universidade do Rio Grande (FURG), coordenadora do Núcleo de Estudos Canadenses FURG. Autora de vários artigos que tratam das lendas tradicionais e contemporâneas, fatos extraordinários, *faits divers* e interculturalidade. Co-organizadora do livro *L'Amérique Française: Introduction à la Culture Québécoise*, Rio Grande, FURG furg ed. (1998) traduzido em português em 1999. sylviedion@mikrus.com.br

refrigerante mal lavada poderia nos infectar com leptospirose?² As lendas urbanas também circulam oralmente. No bar, pelo telefone, a anedota insólita chega a um amigo e de um amigo ela vai passando pelas conversas cotidianas. Neste artigo, proponho-me a definir e apresentar a lenda urbana como gênero narrativo contemporâneo, comparando-a aos gêneros vizinhos que são a lenda tradicional, o *fait divers* e o rumor. Da mesma forma, proponho apresenta um breve histórico desse campo de pesquisa relativamente novo e inovador a partir, principalmente, dos estudos dos pesquisadores franceses Jean Bruno Renard e Véronique Champion-Vincent.

Por volta de 1910, Arnold Van Gennep em seu estudo sobre *La formation des légendes* (VAN GENNEP, 1910) estabelecia as quatro leis gerais da narrativa lendária: a localização, a personificação, a temporalidade e a convergência dos temas. Bertrand Bergeron em sua obra *Au royaume de la légende*, baseando-se nas leis de Van Gennep, definirá a lenda tradicional como:

A relação oral (pontual e temporal), livre (da qual nem as palavras, nem a informação a priori pertencem a tradição), feita por um narrador (ele pode ser uma testemunha direta ou um elo de corrente de uma rede de transmissão) *deficiente* (não possui todos os dados do

² Eis, a título de exemplo, um aviso que recebi por e-mail há algumas semanas:

Morreu Orlando. Brilhante advogado e pai da modelo Daniela Sarahyba, numa situação absolutamente igual ao que se vem repetindo, com frequência dolorosa. Ele tinha uma casa e uma lancha em Angra. Ao sair na lancha com amigos, num domingo, levou na geladeira da embarcação latas de cerveja e refrigerantes.

No dia seguinte, 2ª feira, estava internado numa UTI e morto na 4ª feira.

Ele era um atleta, adorava a vida, que a vivia com intensidade.

O exame cadavérico atestou leptospirose fulminante contraída na lata de cerveja que ele havia tomado, sem copo e sem canudo, no barco.

O exame das latas atestou que estavam infestadas de urina de ratos, conseqüentemente de leptospirose.

MUITO CUIDADO !!!

AVISO AOS CONSUMIDORES DE BEBIDAS EM LATA ...

Toda vez que comprar uma lata de refrigerante, tome cuidado de lavar a parte de cima com água corrente e sabão, se possível, use canudo.

Aqui em casa, é obrigatório lavar as latas com desinfetantes mesmo as que vão à geladeira.

Uma amiga da família morreu depois de beber uma soda em lata.

Provavelmente ela não limpou a parte superior da lata antes de beber, e a lata estava suja com urina seca de rato, que contém substâncias tóxicas e letais, inclusive leptospirose, causadoras da leptospirose.

Bebidas em lata e outros alimentos enlatados ficam guardados em armazéns que geralmente **estão infestados de roedores**, e posteriormente são transportados para as lojas de venda sem a devida limpeza.

Complementando:

Uma pesquisa do INMETRO confirmou que a tampa da latinha do refrigerante é mais poluída que um banheiro público. Segundo essa pesquisa, a quantidade de vermes e bactérias era tão intensa que eles sugeriam que se lavasse a tampa da latinha com água e sabão. Dr. Fabio Lopes Olivares

Por favor, encaminhe este aviso às pessoas com quem você se preocupa

que ele conta) e não especializado (cada um pode se fazer vetor de uma lenda), de um acontecimento (isto é , de um fenômeno fundador) localizado (inscrito na geografia), personalizado (em relação a seres históricos como oposição a seres míticos), ancorado no tempo (pode ser encontrado no tempo cronológico, sempre em oposição ao tempo não histórico do mito e do conto), aos temas unificados (dos quais a coesão narrativa é forte), relevante do sobrenatural modal (sobressaindo ao domínio do crer seguindo a modalidade do fazer acreditar) o que faz da lenda um relato de crença requerendo a cumplicidade formal de um auditor que a concluirá por sua própria convicção. Uma tal definição faz de toda lenda oral uma reminiscência verbal de um acontecimento a jamais inacessível. (BERGERON, 1988: 76)

A lenda tradicional é, portanto, uma narrativa, uma fabulação que revela de uma certa subjetividade tendo por pano de fundo fatos reais, históricos e de elementos reveladores do fantástico, do sobrenatural e do extraordinário. O discurso lendário, mais do que uma simples narrativa visando divertir um auditório, explora os valores morais de uma comunidade trazendo à luz tanto um exemplo a seguir, um modelo de indivíduo, tanto um contra-exemplo, um desvio de comportamento a ser evitado. Sua função primeira é de advertir e persuadir. O acontecimento sócio-histórico desencadeador da narrativa é de responsabilidade do grupo que o impregna com seus valores e com seus modelos de comportamento. Assim, cada lenda é o lugar de uma reinterpretarão de fatos. Discurso de prevenção e de advertência nascido da necessidade de limitar o normal do anormal, a moral do imoral, a lenda é sempre a narrativa de alguma transgressão, de uma ação que consiste em desobedecer, em violar o proibido, em ultrapassar os limites habitualmente permitidos e tolerados. Os transgressores, pelo anti-modelo que eles representam, colaboram para a norma e a coerência do grupo de pertença.

Assim como essa, a lenda contemporânea ou urbana é uma narrativa oral, exemplar, coletiva, anônima, que possui uma mensagem implícita e uma moral escondida à qual nos ligamos. Ancorada na cidade e na modernidade, baseada na crença, requerendo igualmente a cumplicidade de um ouvinte, a lenda urbana tem por objetivo explicar o inexplicável e o incompreensível, de

acordo com o sistema de valores, a época e a visão de mundo da comunidade na qual ela se inscreve.

De acordo com Jean-Bruno Renard, as lendas urbanas seriam uma manifestação contemporânea do pensamento simbólico, pois “Longe de serem historias insignificantes, essas anedotas são ao contrário historias significativas, cheias de sentido que é útil estudar” (RENARD,1999: 6). Elas são a expressão de nossos medos e de nossos desejos. Cada lenda urbana apresenta múltiplas variantes de conteúdo surpreendente, mas geralmente falsas ou duvidosas, contadas como verdadeiras e recentes.

A lenda urbana se distingue da lenda tradicional por sua coincidência entre o tempo do narrador e o tempo da narração. Pois, como menciona Jean-Bruno Renard, «O narrador e os protagonistas da historia são, no sentido próprio, contemporâneos. Os fatos relatados se situam num passado recente» (RENARD, 1999 :50). Ela se distingue também pelo seu modo de difusão. Enquanto as lendas tradicionais são transmitida essencialmente pela oralidade e em uma atmosfera geograficamente limitada na sociedade tradicional, as lendas urbanas, ao contrário, são transmitidas em escala mundial através da imprensa, do telefone, da internet e das fotocópias. Mas, sempre de acordo com Jean-Bruno Renard

É principalmente pelo seu conteúdo que os dois tipos de lenda se distinguem : as lendas modernas apareceram com o desenvolvimento técnico científico e a moda da vida urbana, que elas não se contentam de pegar como quadro mas que elas botam verdadeiramente no coração de suas narrativas. (RENARD,1999: 51).

A expressão lenda urbana (do inglês *Urban legends*) apareceu por volta dos anos de 1970-1980, com folcloristas americanos, para designar as anedotas da vida moderna contadas como verdade, mas que eram falsas e duvidosas (CAMPION-VINCENT, 2005 :21). Além da lenda tradicional, a lenda urbana também tem como gênero visinho o *fait divers*, que, por sua vez, tem na origem acontecimentos reais que receberão tratamento jornalístico. Em seu sentido

mais comum, um “fait divers” é a seção de um jornal na qual estão reunidos os incidentes do dia, geralmente as mortes, os acidentes, os suicídios ou qualquer outro acontecimento marcante do dia. O emprego do termo “fait divers” remonta à criação da grande imprensa, ou seja, no final do século XIX^e. O primeiro sentido de “fait divers” é de ordem profissional já que designa uma categoria de notícias.

O *fait divers* é uma narrativa moralizante de temas recorrentes, o acontecimento é nele dramatizado de modo espetacular. Além disso, o *fait divers* sempre se apresenta como uma história vivida, surpreendente, curiosa, horrível ou extraordinária, mas verdadeira. Nas palavras de Jean-Bruno Renard: “Faits divers e lenda urbana convergem um em direção do outro partindo de pontos opostos: o fait divers é uma legendificação do real e a lenda é um fait divers imaginário”.(RENARD, 1999: 63).

A lenda urbana assemelha-se também com o rumor, enunciado a partir de uma informação não confirmada, mas transmitida como verdade. Gênero curto, efêmero, instável e não narrativo baseado sobre uma crença relativa. Com bastante frequência, uma lenda urbana vai nascer ou de um rumor ou de um *fait divers*. O rumor seria a forma breve da lenda. Ele se cristalizaria, de acordo com o caso, em uma história exemplar e uma forma narrativa mais articulada.³

Os primeiros estudos sobre lendas urbanas começaram nos Estados Unidos, em 1942, com o livro “The Vanishing Hitchhiker”, de Richard Beardsley e Rosalie Hankey, que relata a história de uma jovem que pega carona em um carro e que lança uma advertência (perigo ou profecia), depois

³ Exemplo de rumor: Portadores de [Aids](#) estariam colocando seringas contaminadas com o vírus sob assentos de cinema e ônibus como uma forma de vingança

Exemplo de lenda urbana: AS SERINGAS CONTAMINADAS COM O VIRUS HIV (Canadá)

Isto se passou em Montreal. Há algumas semanas, num cinema, uma pessoa se sentou em uma das poltronas e logo algo a espetou. Quando ela se levantou para ver o que era, ela achou uma seringa plantada na poltrona com um recado junto que dizia: “Você acaba de ser infectado pelo vírus HIV”. Recentemente, o centro de controle de doenças encontra acontecimentos similares a esse em várias outras cidades. Todas as seringas testadas são positivas HIV. . (...) (Campion-Vincent et Jean-Bruno Renard, 2005 : 260)

desaparece de maneira inexplicada. O condutor descobre mais tarde que a jovem estava morta há anos. Essa narrativa ainda hoje circula e calculam-se inúmeras versões. Eis aqui um exemplo extraído do livro de Véronique Champion Vincent e Jean-Bruno Renard, *Légendes urbaines, rumeurs d'aujourd'hui* :

O 20 de março 1981, quatro jovens pessoas que se conheciam há anos e tem por hábito de se reencontrarem bem regularmente decidem dar uma volta em Palavas. Nos arredores das 23 horas.

Pelas 0h30, eles decidem voltar a Montpellier, entre o *carrefour* e o posto de gasolina, no nível de uma *placa* situada no lado direito da estrada, uma senhora é visível, pedindo carona. Ela está vestida com um tipo de impermeável branco que chega até o joelho, e de um cachecol branco na cabeça, ela parece estar na faixa dos cinquenta anos.

O motorista propõem de dar carona a está mulher e ele para o veículo alguns metros depois dela. O passageiro, antes, conversa com a mulher em termos vizinhos a estes “ vamos a Montpellier, a senhora está interessada?” a mulher, como resposta, sorri e se dirigi na direção do veículo.(...) a mulher se instala entre as duas moças no banco de trás.

O veículo parte, atravessa a ponte, sempre em direção a Montpellier, e chega na intersecção da estrada de Ville-neuve-les-Maguelonne, lugar diz o Pont-vert, onde a estrada de Montpellier desenha uma curva bastante pronunciada.

A caronista grita então: “ cuidado com a curva! “ a sua voz encobre a musica que toca no veículo. O motorista, surpreso, diminui a velocidade, sua atenção é voltada por alguns instantes, como aquela dos passageiros, na estrada a frente deles. É então que o grito conjunto das duas moças faz ele se virar ao mesmo tempo que o passageiro na frente. A mulher que pegava carona não está mais no veículo.

Depois de alguns segundos estupefato e hesitante, o motorista acelera e se dirige ao posto de policia de Montpellier onde eles chegam a 1 hora e relatam sua aventura.

(Champion-Vincent et Jean-Bruno Renard,1992: 45).

Por volta da mesma época, Ernest Baughman, outro pioneiro nos estudos da lenda urbana, professor de folclore na Universidade de Indiana, nos Estados Unidos, interessou-se pelas narrativas de horror que circulavam nos campus americanos – verdadeiro folclore narrativo que se eram transmitidos dos

antigos aos jovens alunos. Mais do que coletar várias histórias de caronas fantasmas, de casas mal-assombradas, ele compilou as narrativas horripilantes de trotes aplicados aos novos estudantes que acabavam mal, tais como a história de uma estudante que teve o braço de um cadáver escondido na sua cama. Ela foi encontrada na manhã seguinte com os cabelos embranquecidos e meio louca de tanto medo (RENARD, J.B.1999: 24).

De 1950-1970 dá-se continuidade a essa tomada de consciência de um folclore narrativo urbano e várias outras histórias vão ser estudadas como, por exemplo, aquela da babá hippie, jovem drogada que cozinha o bebê de seus patrões pensando ser um frango. Essa narrativa já circulava em Buenos Aires nos anos de 1948 e contava a história de uma jovem doméstica que servia aos seus empregadores o próprio bebê do casal assado no forno (RENARD, J.B. 1999: 25). A narrativa em seguida ganha repercussão no mundo inteiro sob várias variantes que substituíam a jovem doméstica pela babá hippie e drogada.

Um casal que tinha um filho adolescente e um pequeno bebê saiu, deixando o bebê na guarda de uma moça tipo hippie que era amiga de seu filho. Eles estavam num jantar ou uma festa e a mãe telefonou no meio da noite para saber se tudo estava bem. “mas é claro, responde a moça. Tudo vai bem. Eu acabo de rechear o peru e de colocá-lo no forno.”

Então, a mulher sabia que não tinha peru, e ela achou naquele momento que algo estava errado. Ela e seu marido foram embora da festa em direção a sua casa, e eles acabaram descobrindo que a moça tinha recheado o bebê e o tinha botado no forno. O filho se drogava e essa moça era sua amiga, então eles entenderam que ela também se drogava. É uma história verdadeira. Nós tivemos uma reunião na escola e o psicólogo falou sobre isso. Eu acho que ele disse que aconteceu a uma vizinha de um de seus amigos. (raconté en 1971 dans l’État de New York par William K. Kreidler à Lydia et publié par Brunvand, 1981,p 65)(CAMPION-VINCENT, RENARD, J.B, 1992 :66)

Por volta de 1966, um estudo da folclorista francesa de origem polonesa, Maria Kosko, vai fazer a ligação entre a lenda tradicional do filho assassinado (um rapaz que, ao retorna rico de uma viagem, é assassinado e roubado por seus pais que não o haviam reconhecido) encontrada na literatura de venda

ambulante no século XVII e suas versões modernas nos *faits divers* e nas lendas urbanas e obras teatrais contemporâneas, como *Le malentendu*, de Albert Camus.

Entre minha enxerga e a prancha da cama, eu tinha achado, de fato, um velho pedaço de jornal quase que colado ao estofado; amarelado e transparente. Ele relatava um *faits divers* o qual faltava o começo, mas que deve ter acontecido na Tchecoslováquia. Um homem tinha partido de um vilarejo tcheco para fazer fortuna. Ao longo de vinte e cinco anos, rico, ele tinha voltado com uma mulher e uma criança. A sua mãe tinha um hotel com a sua irmã no seu vilarejo natal. Para surpreendê-las, ele tinha deixado sua mulher e filho num outro estabelecimento, e tinha ido na sua mãe, que não o reconheceu ao entrar. Como brincadeira, ele teve a idéia de pegar um quarto. Ele tinha mostrado seu dinheiro. Durante a noite, sua mãe e sua irmã tinham-no assassinado a golpes de martelo para roubar seus pertences e tinham jogado seu corpo no rio. De manhã, a mulher dele foi ao hotel e revelou sem saber a identidade do viajante. A mãe se enforcou. A irmã se jogou num poço. Eu devo ter lido esta historia milhares de vezes. De um lado inacreditável. De outro, ela era natural. De qualquer maneira eu acho que o viajante bem que mereceu e que não se deve nunca brincar. (CAMUS, A, 1944 : 105).

Em 1969, o sociólogo Edgar Morin vai publicar seu célebre estudo: *La rumeur d'Orléans*, rumor baseado na crença em tráfico de mulheres e do judeu maléfico.

Na França, os rumores acusando comerciantes - outrora de sapatos, luvas ou de lingerie, desde uns vinte anos de prêt-à-porter "branché" - de seqüestrar mulheres destinadas a prostituição já circula nos anos trinta e quarenta, e ressurgiram em muitas cidades a partir dos anos cinquenta. (CAMPION-VINCENT, RENARD, J.B, 1992 :302).

Em Orléans, nos anos de 1969, esses rumores recaíam sobre comerciantes judeus e assolavam o anti-semitismo.

A partir dos anos de 1970, assiste-se a um enriquecimento do corpus de narrativas tanto na América do Norte quanto na Europa e, sobretudo, «Ao reconhecimento da legitimidade universitária das pesquisas sobre as lendas contemporâneas, uma reflexão sobre os laços entre as lendas modernas e outros gêneros narrativos, enfim uma internacionalização do interesse por este novo campo de estudo» (RENARD, J.B.1999: 26). Linda Degh e Richard Dorson, professores de folclore na Universidade de Indiana, vão seguir o trabalho de

Baughman e suas pesquisas serão difundidas na revista *Indiana folklore*. Linda Degh se inclinará notadamente sobre a história « da avó roubada » que conta o desespero de uma família em férias que teve seu carro roubado e, no porta malas do carro, enrolado em um tapete estava escondido o corpo da avó recentemente morta.

Muitos entre vocês já devem ter ouvido contar a aventura que aconteceu a uma família que saiu de viagem além das fronteiras. A avó, que estava junto, morre subitamente de enfarto. Afobados com a idéia das formalidades, as pessoas decidem de levar de volta a avó escondida no porta mala(ou enrolada num tapete encima do carro). Essas emoções os deixaram com fome: eles param num bosque para fazer um piquenique, e vão para longe do carro. Na volta eles descobrem que o carro foi roubado: não tem mais avó, não tem mais morta, não tem mais herança.(CAMPION-VINCENT, V. RENARD, J.B, 1992 :172).

A partir dos anos de 1980, o campo de pesquisa vai verdadeiramente se institucionalizar tanto na Europa assim como na América do Norte e numerosos estudos e coletâneas de lendas urbanas vão ser publicados .

O ano de 1981 pode ser simbolicamente considerado como o começo do período de reconhecimento pela instituição do campo de pesquisa sobre as lendas modernas. Neste ano, de fato, Brunvand publica o primeiro volume de uma série de coleções, no sentido de narrativas coletada de lendas urbanas: *The vanishing Hitchhiker*. *American Urban legends and their Meanings*. (RENARD, J.B.1999: 36).

Em 1990, Véronique Champion-Vincent e Jean-Bruno Renard vão editar o 52º número da célebre revista *Communications*, consagrada aos rumores e lendas contemporâneas. Essa publicação será seguida da obra *Légendes urbaines et rumeurs d'aujourd'hui*, de 1992 e mais recente, de : *De source sûre, nouvelles rumeurs d'aujourd'hui*.⁴

⁴ Champion-Vincent, Véronique et Jean Bruno Renard, *Rumeurs et légendes contemporaines*, *Communications* no 52, Paris, Seuil, 1990, Champion-Vincent, Véronique et Jean Bruno Renard , *Légendes urbaines et rumeurs d'aujourd'hui*, Paris, Payot, 1992, Champion-Vincent, Véronique et Jean Bruno Renard, *De source sûre, nouvelles rumeurs d'aujourd'hui*, Paris Payot, 2005

Jean-Bruno Renard (RENARD, 2002), ao reagrupar os temas encontrados com mais frequência nas lendas urbanas, propõe uma classificação dos medos e das angústias que elas veiculam. Há primeiramente as lendas que dizem respeito às novas tecnologias “os tecno medos” atribuídos a um mau uso do aparelho, ao mau funcionamento do mesmo ou ainda aos efeitos perversos de certos aparelhos, tais como o forno de microondas, os jogos de videogame e, mais recentemente, o aparelho celular. Em seguida vêm as lendas que dizem respeito aos estrangeiros. “As acusações racistas e xenófobas, que repousam sobre o medo da diferença, portam sempre sobre quatro domínios, a comida, a violência, a sexualidade e o território, que são aqueles que uma sociedade regulamenta mais.” (RENARD, 2002:104). A natureza selvagem é um outro tema que se encontra nas lendas modernas e que estão frequentemente ligadas à aparição de bestas selvagens na cidade (os jacarés dos esgotos de Nova York), a importação de um animal exótico voluntária ou involuntariamente ou a invasão de um animal no corpo humano (girino, aranha, serpente engolida por engano e que se desenvolve no corpo). Enfim, o tema da insegurança e da violência urbana que domina largamente o mundo das lendas contemporâneas.

Para Véronique Champion-Vincent e Jean-Bruno Renard a lenda urbana é um gênero folclórico de comunicação que se apóia em dois critérios. Inicialmente, a história apresenta variantes de três tipos: estilísticas superficiais (dependendo de quem conta), circunstanciais, ela se adapta ao ambiente cultural e, profundas, quando ela substitui elementos de naturezas diferentes, mas insuficientes para se dizer tratar-se de uma outra lenda (CAMPION-VINCENT, V. RENARD, J.B, 2005). É o caso da lenda da carona fantasma em suas variantes quebequense e brasileira:

« L’auto-stoppeuse du parc des Laurentides »

A estrada do parque das laurentides, que liga Quebec ao Saguenay, é reputada por sua periculosidade. Numerosos acidentes mortais ocorreram ali. O fantasma de uma moça teria sido encontrado no inverno, entre outros, por um automobilista, um caminhoneiro e a passageira de um ônibus. Os dois primeiros

pretendem ter feito a moça subir abordo de seus veículos. A moça teria ficado muda e teria desaparecido quase na mesma hora. Ela teria deixado somente um pedaço de papel no qual estava inscrito um endereço; o de um casal de Quebec que teve a filha morta num acidente de carro no parque. Até hoje os apelidos que as pessoas dão a esta estrada – avenida da morte ou avenida do paramédico – dão um arrepio... (Versão encontrada na internet: [//www.fillescool.com/perso/articles/467.html](http://www.fillescool.com/perso/articles/467.html))

« A Carona »

Uma vez, em uma certa estrada muito perigosa, em uma noite muito chuvosa um caminhoneiro já perto do seu destino, vê uma mulher com uma capa de chuva amarela pedindo carona. Sensibilizado com o sofrimento da mulher, resolve ajudá-la: Para onde a senhora está indo? Minha casa fica na beira da estrada a uns 3 quilômetros daqui... vim até a casa de uns amigos aqui, e preciso voltar para casa, mesmo embaixo dessa chuva toda, pois minha mãe deve estar muito preocupada. Pode me dar uma carona? Claro pode subir. Era uma moça muito bonita e simpática. Ela tirou a capa de chuva e começou a conversar com o motorista animadamente, e ele sentiu até um carinho por ela, pois ela era muito espontânea e de bem com a vida. Chegando ao local indicado pela moça, ela agradeceu o motorista, deu-lhe um beijo no rosto e despediu-se. Logo ao sair, o motorista reparou que ela havia esquecido a capa de chuva no caminhão, e como estava perto resolveu voltar para devolvê-la a moça. Bateu à porta da casa, e viu sair uma senhora de uns 60 anos mais ou menos. Boa noite minha senhora, eu dei uma carona para a Ana, e ela acabou esquecendo essa capa no meu caminhão, poderia entregar a ela por gentileza? Com lágrimas nos olhos a senhora responde: Por favor meu senhor, não brinque com essas coisas... a minha filha Ana morreu há 5 anos atrás atropelada numa noite muito chuvosa igual a essa, quando tentava voltar para casa, não brinque moço... não brinque! (Versão encontrada na internet: <http://www.mrmalas.com/lendas/view.asp?id=39>)

Em seguida, a história é parcialmente ou totalmente falsa, mas contada como verdadeira com um final surpreendente, mas possível. Assim, ela se assemelha a uma história verdadeira, ela é contada como verdadeira e acredita-se nela como verdadeira. Com frequência ela parece ser um *fait divers*. Em sua diferença com a lenda tradicional, na qual predominam elementos

sobrenaturais e religiosos, a lenda urbana, mesmo que ela contenha elementos misteriosos, aposta no realismo, apoiando-se nas crenças e nos medos atuais. Jean Bruno Renard define a lenda urbana como: “ Um relato anônimo, apresentando múltiplas variantes, de forma breve, ao conteúdo surpreendente, contam como verdadeiro e recente no meio social do qual ele expressa de maneira simbólica os medos e as aspirações.” (RENARD,1999: 6). Os temas variados, e em constante renovação, refletem os medos atuais e, assim como na lenda tradicional, tentam dar advertências. É como acontece nessa história que há pouco circulava por e-mail.

TOMEM CUIDADO!!!

A T E N Ç Ã O

Obs. Isso é verdade... uma senhora entrou na loja em completo desespero, pois segundo ela um rapaz ofereceu-lhe um perfume, aplicou-lhe no pulso e mandou cheirar... dez segundos de desmaio foi o suficiente para o ladrão levar-lhe a bolsa . Isso na Borges de Medeiros,(POA) em frente ao shopping.

Está ocorrendo no Rio de Janeiro!!!

Atenção! Perfume do mal ALERTEM FILHOS, FILHAS, ESPOSA, MARIDOS, AMIGOS,TODOS.

Muito Importante !!!

Esses caras estão atuando em bares, estacionamentos próximos de faculdades, etc.

Esse é um fato verídico que aconteceu com um professor da FAAP.

Que venha de outro planeta ou de país vizinho, a figura onipresente do estrangeiro, do marginal, do desviante, é uma ameaça constante e se manifesta em situações mais diversas: terroristas, maníacos da noite, babá drogada, desaparecimentos inexplicáveis, roubo de crianças e comércio de órgãos, tráfico de mulheres. Entre o estrangeiro e o medo das novas tecnologias ou a máquina tenta escapar do controle do homem, em todo lugar, a todo instante, nosso cotidiano pode ser uma armadilha e cair no horror do drama e da incompreensão. A lenda urbana, ao nos colocar em alerta de todos os perigos que nos espreitam, conta os medos e as angustias da cidade e da vida moderna.

* Tradução do francês para o português por
Kelley Baptista Duarte, e citações traduzidas
por Zellig Dion-Bélanger

Referências

- BERGERON, Bertrand, *Au royaume de la légende*, Chicoutimi: Les éditions JCL, 1988
- CAMPION-VINCENT, Véronique, *La légende des vols d'organes*, Paris: Société d'édition Les Belles Lettres, 1997
- CAMPION-VINCENT, Véronique, Jean-Bruno Renard, *Rumeurs et légendes contemporaines*, *Communications* 52, Paris: Seuil, 1990.
- CAMPION-VINCENT, Véronique, Jean-Bruno Renard, *De source sûre, nouvelles rumeurs d'aujourd'hui*, Paris: Payot, 2002
- CAMPION-VINCENT, Véronique, Jean-Bruno Renard, *Légendes urbaines, rumeurs d'aujourd'hui*. Paris: Payot, 1992
- DION, Sylvie, *O fait divers como gênero narrativo*, revista letras no 34, Santa Maria: Universidade Federal de Santa Maria, 2007
- RENARD, Jean Bruno, *Rumeurs et légendes urbaines*. Paris: PUF, 2002.